

## NAS TRINCHEIRAS DO ESQUECER E DO LEMBRAR: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NO ROMANCE *TEORIA GERAL DO ESQUECIMENTO*, DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA.

Elaine Cristina Guedes da SILVA<sup>1</sup>  
UEPB

### RESUMO

O ato de registrar as vivências passadas é como uma via de acesso do sujeito a um encontro consigo mesmo, de modo a fazê-lo compreender o seu espaço enquanto ser histórico e social, cuja identidade, nesse contexto, é alimentada pela memória. Lembrar não é meramente acessar um arquivo de vivências, constitui-se em um meio para organizar e compreender o que foi vivenciado, atribuindo-lhe sentido e juízo de valor. Sendo assim, o trabalho com as lembranças consiste em selecionar e interpretar. Nesse processo, o olvido elimina o que não é conveniente. Logo, o esquecimento, que para alguns representaria uma fragilidade pode ser índice de continuidade da vida. Nessa perspectiva, o presente artigo tem como objetivo analisar como a memória e o esquecimento são empregados na construção da identidade das personagens *Ludo* e *Jeremias Carrasco* do romance *Teoria Geral do Esquecimento*, de José Eduardo Agualusa. Para tanto, embasamo-nos nas contribuições de Weinrich (2001) assim como aquelas propostas por Rossi (2010), Chartier (2007), Hall (2006), Bauman (2005), Seligmann-Silva (2005), Huyssen (2000), Le Goff (1997), entre outros. Em nossa análise podemos constatar que por meio da memória e do esquecimento, as personagens erguem uma habitação e refúgio para suavizar as perdas provocadas pelo caótico processo de independência na Angola.

**PALAVRAS-CHAVE:** memória. Esquecimento. Identidade. guerra.

### Introdução

Publicado em 2012, *Teoria geral do esquecimento* tem como contexto histórico a resistência de Portugal ao processo de descolonização da Angola, bem como as

---

<sup>1</sup> Mestre em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

disputas internas. No romance, as personagens foram esquecidas e/ou buscaram ser esquecidas. Ludovica Fernandes Mano, Ludo, é uma portuguesa que se mudou para a Luanda, capital da Angola, com a irmã e o cunhado. Ao perceber-se ameaçada, Ludo ergue uma parede na entrada do apartamento de modo que se isolou dos acontecimentos e das pessoas. Desde cedo, ainda criança, vítima de abuso sexual, a personagem aprendeu a ter medo do outro.

Na dialética de lembrar e esquecer, Ludo se percebe na impossibilidade de concretizar o olvido e convive com a insistência das lembranças que registra inicialmente em papéis e por fim nas paredes do apartamento. De modo a construir uma proteção para resistir à dissolução do desaparecimento. A respeito do ato de esquecer Foster (2011, p. 71) considera que “o esquecimento ocorre porque traços da memória são rompidos, obscurecidos ou sobrepostos por outras memórias”. Nessa perspectiva, para Ludo a impossibilidade de olvidar pode residir no fato de não haver novas vivências significativas, a personagem tem apenas a companhia de um cachorro e uma vasta biblioteca que ao longo dos anos é utilizada como comburente para fogueiras. Jeremias Carrasco, por sua vez, assume uma segunda vida, na qual é considerado um velho sábio em uma tribo. Se para Ludo o esquecimento deveria ser praticado, para Jeremias Carrasco esquecer era indício de inexistência. Neste conflito entre lembrar e esquecer as personagens redefinem e mantêm as suas identidades.

### **Esquecer para lembrar/ lembrar para esquecer: a construção e manutenção das identidades**

O ato de lembrar é análogo a uma visita inesperada que provoca uma surpresa que pode ser satisfatória ou não, de modo a promover sofrimento. A lembrança desaloja o esquecimento e o bem-estar que este gera, juntamente com a possibilidade de ser feliz novamente por meio da reescrita da própria história. A memória coabita com o esquecimento nos destroços do tempo, os escombros que possuem feição de destruição, para alguns pode indicar permanência. Seligmann-Silva (2003, p. 406-407)

assevera que “as ruínas da memória, em parte soterradas, guardam o esquecido, que provoca espanto naquele que se recorda com o segredo que ele [isto é, o esquecido] encerrava”. Dessa forma, o que sugere ser o fim, um campo estéril é possível encontrar matéria para continuar, seja por meio do oblívio ou da reminiscência. Le Goff (1997, p. 105) pontua que:

A ruína pode por um lado evocar o passado glorioso e a caducidade de todas as coisas, ser objeto de reflexão histórico-filosófica; por outro lado, pode dar lugar a um sentimento subtilmente crepuscular; pode ser uma ruína clamorosa, eloquente, com uma massa obstrutiva ou, pelo contrário, um efêmero bastidor visual, um frio contraste, uma ironia irrisória.

Para Ludo e Carrasco, a memória e o esquecimento constituem elementos redentores no processo de fragmentação. Jeremias acredita que é necessário lembrar, posto que seria uma forma de conservar a existência: “esquecer é morrer, diz ele. Esquecer é uma rendição” (AGUALUSA, 2012, p. 462). O oblívio para aquele homem, também se constituía em uma prestação de contas para com o passado e as pessoas nele envolvidas. Assim o fez quando já idoso procurou Ludo para explicar o que acontecera aos parentes da portuguesa. A portuguesa, por sua vez, privilegia o olvido, pois acredita ser necessário para prosseguir: “Devíamos praticar o esquecimento” (AGUALUSA, 2012, p. 462). Nesse sentido, entendemos a parede construída por Ludo com o objetivo de isolar-se do mundo, como uma metáfora do esquecimento. Isolada e esquecida por todos, a personagem não teria parte com o caos daquela sociedade em guerra. Outro ponto importante é o fato de os demais moradores do prédio não tentarem ultrapassar aquela parede, acreditavam, pois, que não havia nada além daquela barreira. O que reforça a ideia metafórica de esquecimento, que para alguns seria um depósito de nada. Apenas Jeremias e Sabalu buscaram ultrapassar aquele obstáculo, o primeiro foi impedido por Daniel Monte que o prendeu naquela ocasião. Já o menino adentrou no universo de Ludo, inicialmente por meio da janela e mais tarde convence a idosa a eliminar aquela barreira representada pela parede.

Em Weinrich (2001, p. 32), encontramos uma breve narrativa de autoria do orador romano Cícero, na qual Simônides, conhecido por uma memória infalível, teria procurado um homem público chamado Temístocles oferecendo-se para treiná-lo em sua mnemotécnica. Ao recusar tal serviço o político declarou: “antes de recordar tudo o que fosse possível, preferia aprender dele a esquecer aquilo que quisesse esquecer”. A partir deste fato passou-se a designar de forma caricata a arte da letotécnica como método que, em oposição à mnemotécnica, beneficiaria o oblívio.

A perspectiva de lembrar empregada por Carrasco converge com o pensamento de Baudelaire (1996, p. 32) que nomeia de “memória ressurrecionista” o ato de evocar as reminiscências: “Uma memória que diz a cada coisa: *Lázaro, levanta-te*; [...] É o medo de não agir com suficiente rapidez, de deixar o fantasma escapar antes que sua síntese tenha sido extraída e captada”. Assim, o indivíduo que lembra promove o ressurgimento do que era considerado morto ou perdido. Na lógica do pensamento de Carrasco, a conservação das lembranças favorecem a preservação da identidade, posto que a perda da memória provocasse a inexistência e a impossibilidade de acessar o conhecimento de si. Nessa perspectiva, Candau (2012, p. 59 -60) assegura que “sem memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece”.

Para que os acontecimentos desagradáveis realmente sejam esquecidos precisam ser lembrados, em uma luta “contra a repetição da catástrofe por meio da rememoração do acontecido” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 352). Para Carrasco, representante do elemento local, o esquecimento pode surgir como obstáculo para a preservação da recordação, já para Ludo, elemento que lembra o colonizador, o olvido exerce a função de ocultar o que não é conveniente. Logo, para os angolanos é preciso lembrar de todo o processo doloroso de descolonização, enquanto que para os portugueses não se faz necessário lembrar tais fatos. Dessa forma, a memória e o esquecimento exercem a função de nutrir a identidade do indivíduo. Conforme Le Goff (1997, p. 16),



Nas sociedades sem escrita a memória coletiva parece ordenar-se em trono de três grandes interesses: a identidade coletiva do grupo que se funda em certos mitos, mais precisamente nos mitos de origem, o prestígio das famílias dominantes que se exprime pelas genealogias.

O ato de lembrar se constitui qual uma ponte entre o passado e o futuro, nesse processo de reencontro com o vivenciado as identidades individuais e coletivas do presente são reconstruídas. Nesse contexto, Bauman assegura que esse processo acontece em vistas do futuro: “Assim, ‘identidade’, apesar de ser claramente um substantivo, comporta-se como verbo, ainda que um verbo estranho: ele só aparece conjugado no futuro” (BAUMAN, 2011, p. 40). Segundo o pensamento de Huyssen, enquanto “indivíduos e sociedades, precisamos do passado para construir e ancorar nossas identidades e alimentar uma visão de futuro” (HUYSSSEN, 2000, p. 67). Nesse processo de readaptação, o sujeito se adequa as demandas do seu presente assumindo a identidade que lhe for conveniente, a exemplo de Carrasco que assume a condição de um velho sábio para uma tribo. Hall (2006, p. 13) explica que

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. [...] à medida em que os sistemas de significação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.

Carrasco justifica que “todos podemos, ao longo de uma vida, conhecer várias existências. Eventualmente, desistências. Aliás, o mais habitual. Poucos, contudo, têm a possibilidade de vestir uma outra pele” (AGUALUSA, 2012, p. 113). Cada indivíduo reagirá de alguma forma perante as exigências do seu tempo ou de suas vivências, como podemos perceber em Ludo que diferente de Carrasco acredita que o esquecimento é o elemento redentor. Conforme Candau (2012, p. 99),

A boa gestão da identidade de um grupo de pertencimento (nação, região, local) passa pela relação ambivalente que os membros desse

grupo terão com os acontecimentos que, simultaneamente, são objeto de um dever de memória e uma necessidade de esquecimento.

Embora Carrasco tenha assumido outra vida, percebe que não consegue esquecer as suas origens: “Estavam nisto, há três dias, quando Jeremias viu o passado agachar-se diante de si. Envelhecera, o que nem sempre acontece, há passados que atravessam séculos sem que o tempo os corrompa” (AGUALUSA, 2012, p. 373). No dizer de Bauman (2011, p. 69), “nenhuma identidade é fixa, cada uma tem de ser construída – e, além disso, sem qualquer garantia de que a construção será algum dia concluída, e um teto será posto sobre um edifício terminado” (BAUMAN, 2011, p. 69). O indivíduo estaria fadado a uma eterna busca, seja para manter a sua identidade ou adequar-se a outras. Refugiada no medo, Ludo sente-se deslocada, isolada não enfrentou às demandas de uma sociedade que por meio da guerra busca afirmar uma identidade própria. Assim, os angolanos assumem um novo português livre da dominação de Portugal.

Sinto medo do que está para além das janelas, do ar que entra às golfadas, e dos ruídos que traz. Receio os mosquitos, a miríade de insetos aos quais não sei dar nome. Sou estrangeira a tudo, como uma ave caída na correnteza de um rio. Não compreendo as línguas que me chegam lá de fora, que o rádio traz para dentro de casa, não compreendo o que dizem, nem sequer quando parecem falar português, porque este português que falam já não é o meu. Até a luz me é estranha. (AGUALUSA, 2012, p. 78)

Ludo não se sente parte da nova Angola, no entanto, também perdeu a pertença do seu país de origem, a mulher habita o entrelugar: “Já não pertence ao lugar de origem como também ao lugar que reside: “Pensou em Aveiro e compreendeu que deixara de se sentir portuguesa. Não pertencia a lado nenhum” (AGUALUSA, 2012, p.168). Esse sentimento é alimentado também pelo esquecimento, tendo em vista que a personagem foi esquecida, não havia ninguém a sua procura nem

na Angola tampouco em Portugal. A personagem lamenta até por ter sido esquecida pela morte, na ocasião da morte do cachorro, afirma: “A morte gira ao meu redor, mostra os dentes, rosna. Ajoelho-me e ofereço-lhe a garganta nua. Vem, vem, vem agora, amiga. Morde. Deixa-me partir. Ah, hoje vieste e esqueceste-te de mim” (AGUALUSA, 2012, p. 235- 236).

A atuação da memória é resultado de um esforço individual fundamentado na vivência em sociedade. Ao narrar suas lembranças, o indivíduo adentra no celeiro da memória coletiva de que lhe foi transmitida a partir dos anos tênues de sua infância. De acordo com Hermano (2009, p. 39), “o indivíduo que lembra nunca está sozinho, interpondo sua consciência está o grupo social ao qual pertence”. Nessa perspectiva, Fonseca (2010, p. 84-85) assegura que “a memória é individual, mas ao mesmo tempo coletiva, ou seja, é construída nas relações que o sujeito estabelece com a sociedade. Lembrar é reconstruir o passado, não em sua totalidade, de determinado grupo”. Por isso, o ato de lembrar seria uma proteção contra o desaparecimento.

Na construção do texto literário, a memória e o esquecimento constituem-se elemento de fundamental importância, posto que favorecem a compreensão das relações que a personagem estabelece consigo, com as suas experiências e com as demais personagens. Conforme Bezerra (2010, p. 251), “a busca da identidade se estrutura como uma imagem que o sujeito constrói ao longo da vida referente ao longo da vida referente a ele próprio, a imagem que apresenta aos outros e a si próprio”. Ao conectar o passado por meio das lembranças de suas vivências a personagem compreende a formação da sua identidade, a tomada de conhecimento, afirmação ou negação da mesma. Podemos considerar que a atuação da memória é resultado de um esforço individual fundamentado na vivência em sociedade. Conforme Bezerra (2010, p. 251), essa atuação “passa a ser um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, que possibilita a continuidade e o perfil de coerência de uma pessoa ou de um grupo, em sua reconstrução de si”.

Embora Ludovica queira esquecer e ser esquecida, acompanhada pela solidão, a personagem passa a registrar os seus sentimentos, lembranças e vivências em cadernos, ao passo que os cadernos acabaram começou a escrever nas paredes com carvões. Entendemos que o ato de narrar os fatos passados leva o sujeito a ponderar sobre a própria identidade. A respeito, Duarte (2010, p. 93) pontua que “a impulsão da escrita surge exatamente da necessidade de libertar as reminiscências, cultivar lembranças, exorcizar demônios. É um trabalho também de purgação e higiene do espírito”. Logo, a personagem que deseja esquecer passa a fazer uso da escrita para com isso esquecer. De acordo com Weinrich (2001, p. 12), escrever é uma ferramenta útil, que funciona inclusive como terapia quando se quer esquecer, “colocar no papel as coisas a serem esquecidas, visto que o que se anota é mais facilmente esquecido”. Ao mesmo tempo registrar as reminiscências tem como intuito reforça a pertença a um grupo ou tradições. Em um de seus registros Ludo assegura: “lavro versos/ curtos/ como orações/ palavras são legiões/ de demônios/ expulsos/ corto advérbios/ pronomes/ poupo os pulsos” (AGUALUSA, 2012, p. 242).

Semelhante ao que os homens das cavernas fizeram, Ludo registra nas paredes seus sentimentos e lembranças. “Dou-me conta de que transformei o apartamento inteiro num imenso livro. Depois de queimar a biblioteca, depois de eu morrer, ficará só a minha voz. Nesta casa todas as paredes têm a minha boca” (AGUALUSA, 2012, p. 207). E assegura que se possível escreveria uma teoria geral do esquecimento. Entretanto, chamamos a atenção para o fato de que a personagem estava encerrada naquele apartamento, esquecida por todos, ninguém acreditava que ali era um ambiente habitado. Logo, não haveria leitores para os seus textos, e essa mulher sabia disso, mas era para si que ela escrevia. Antes de todos, ela queria ter domínio sobre as lembranças e guardá-las no esquecimento.

Escrevo para quem fui. Talvez aquela que deixei um dia persista ainda, em pé e parada e fúnebre, num desvão do tempo – numa curva, numa encruzilhada – e de alguma forma misteriosa consiga ler



as linhas que aqui vou traçando, sem as ver”. (AGUALUSA, 2012, p. 475).

Conforme Bosi (1994, p. 53), “a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagem-lembrança”. Em uma colagem de um passado de fragmentos que subsiste na forma de restos destroçados. Por meio de uma metáfora, Agualusa (2012, p. 83) apresenta-nos as bananeiras que assim como a memória servem de alimento para prosseguir: “Mostrou-as [as bananeiras] a Fantasma: Vês? Orlando plantou as bananeiras para que produzissem lembranças. A nós vão matar-nos a fome”.

Em algumas culturas, morrer constitui-se em um rito de passagem. De acordo com Chevalier & Gheerbrant (1995, p. 621), a morte “liberta das forças negativas e regressivas, ela desmaterializa e libera as forças de ascensão”. Para alguns, Jeremias estava morto, visto que não seria possível sobreviver aos ferimentos dos quais padecia. Para outros, inclusive para Carrasco, houve uma morte, ainda que no nível simbólico, visto que o mercenário assumiu outra vida: “Dizem que foste um diabo. Morreste, reencarnaste, tens uma nova oportunidade. Aproveita-a” (AGUALUSA, 2012, p.117). Embora Carrasco não realize mais as práticas de outrora não consegue apagar as lembranças desses tempos, logo conclui que não pode esquecer. Levado para o deserto, que seria um lugar de transição, Jeremias fica a espera que alguém venha buscá-lo, como foi prometido por Madalena, entretanto, o homem foi esquecido. “Espera aqui. Virão buscar-te. Quando tudo acalmar poderás cruzar a fronteira para o Sudoeste Africano. Suponho que terás bons amigos entres os carcamanos. Decorreriam anos. Décadas. Jeremias jamais cruzou a fronteira” (AGUALUSA, 2012, p. 127).

No romance, a memória é acessada de várias maneiras seja de forma voluntária ou não. Uma dessas formas é a memória involuntária, nesse tipo de mnemotécnica o indivíduo não exerce domínio sobre as lembranças, pois são despertadas involuntariamente, em acontecimentos aleatórios: uma música, o perfume ou o sabor de um dado alimento fazem surgir reminiscências do mais profundo do inconsciente.

Com relação, Weinrich (2001, p. 208) assegura que a memória involuntária “não tenta mais invocar as lembranças através de um esforço da vontade, e também desiste de assegurá-las contra o esquecimento”. Assim, esse tipo de memória não tem o esquecimento como uma ameaça. Tal mnemotécnica teria como instrumento de recuperação o esquecimento. Assim, memória recupera o momento vivenciado sem interferências da razão e da vontade, isso porque o esquecimento trabalhou livremente. Com isso, o ato de esquecer é portador da alegria do reencontro com a reminiscência que estava aparentemente perdida. De acordo com Yokozawa (2002, p. 70),

O aflorar da memória involuntária desencadeia no narrador um estado de graça não apenas porque faz nele renascer um verdadeiro momento passado, o ser que ele foi outrora, mas, sobretudo porque faz nascer alguma coisa, um ser que, comum ao passado e ao presente, ultrapassa a ambos e se situa fora do tempo. O ser que recorda é, pois, um ser indiferente às vicissitudes da vida, aos seus desastres, à sua brevidade, porque, ao se situar fora do tempo, ele deixa de se sentir contingente e mortal e é capaz de gozar a essência das coisas, nascida de uma analogia entre o passado e o presente. Na recordação, no aflorar da memória involuntária, o narrador encontra a experiência —verdadeira, a essência da vida, a felicidade plena que ele buscou em vão no mundanismo, na amizade e no amor.

Como exemplo de memória involuntária citamos o momento no qual depois de anos enclausurada naquele apartamento com alimentação escassa, Ludo encontra a comida que Sabalu lhe trouxe: “Segurou-o, incrédula, com ambas as mãos. Cheirou-o. O perfume do pão devolveu-a à infância” (AGUALUSA, 2012, p. 249). O ato de lembrar torna-se companhia na solidão e constitui-se ainda em elemento que restitui a esperança de restauração, de modo que a ordem de antes seja restabelecida. Em muitos momentos, de forma involuntária, tal qual um ritual o véu que guarda as recordações é retirado por meio de um alimento ou simplesmente por palavras que trazem contento e alívio para o fardo do presente:

Ganhara o hábito de falar sozinha, repetindo as mesmas palavras horas a fio: Gorjeio. Pipilar. Revoada. Asa. Adejar. Gorjeio. Pipilar. Revoada. Asa. Adejar. Gorjeio. Pipilar. Revoada. Asa. Adejar. Gorjeio. Pipilar. Revoada. Asa. Adejar. Gorjeio. Pipilar. Revoada. Asa. Adejar. Gorjeio. Pipilar. Revoada. Asa. Adejar. Gorjeio. Pipilar. Revoada. Asa. Adejar. Vocábulos bons, que se desfaziam como chocolate no céu da boca e lhe traziam à memória imagens felizes. Acreditava que ao dizê-las, ao evocá-las, regressassem aves aos céus de Luanda. Há anos que não via pombos, gaivotas, nem sequer algum pequeno passarinho despardado (AGUALUSA, 2012, p. 161 – 162).

Ludovica costumava apreciar os movimentos de um macaco que nomeou Che Guevara, de alguma forma aquele animal lhe trazia esperança e sempre pensava que enquanto ele estivesse vivo ela também estaria. Entretanto, um dia decidiu matar o animal. Entendemos que tal ato guarda vários simbolismos, em um deles, a personagem estaria matando as esperanças de viver, mas também estaria destruindo as suas lembranças como forma necessária de sobreviver, posto que alimentou-se da carne do animal. Ou ainda em um pensamento antropofágico, Ludo estaria assumindo para si a vitalidade daquele animal. Conforme Chevalier & Gheerbrant (1995, p. 573), o macaco simboliza “o domínio do coração” e ainda em várias civilizações a exemplo dos egípcios, astecas e maias é tido como patrono dos escritores. Este último ponto é relevante já que Ludo emprega a escrita como ocupação.

Uma metáfora da representação do ato de lembrar seria a releitura de um livro. Inicialmente é possível lembrar-se da temática principal, personagens e os eventos marcantes. Ao reler um livro espera-se reviver as mesmas sensações da primeira leitura, entretanto o presente é outro, o indivíduo tem outras experiências e vivências acumuladas, conseqüentemente desenvolverá outro juízo de valor e outras ponderações a respeito da obra. Da mesma forma, as lembranças quando evocadas são representadas a partir do presente daquele que as invoca. A respeito, Ludo reflete:

Venho perdendo a vista. Fecho o olho direito e já só enxergo sombras. Tudo me confunde. Caminho agarrada às paredes. Leio com esforço, e apenas sob a luz do sol, servindo-me de lupas cada vez

mais fortes. Releio os últimos livros, os que me recuso a queimar. ... A fraqueza, a vista que se esvai, isso faz com que tropece nas letras, enquanto leio. Leio páginas tantas vezes lidas, mas elas são já outras. Erro, ao ler, e no erro, por vezes, encontro incríveis acertos. No erro me encontro muito. Algumas páginas são melhoradas pelo equívoco (AGUALUSA, 2012, p. 205 – 206).

Em outro momento, temos a memória comparada a um álbum de fotos por outro personagem: “Agora, depois que envelheci, sou assaltado por memórias, incrivelmente nítidas, de coisas passadas. Como se alguém, dentro da minha cabeça, se entretivesse a folhear um velho álbum fotográfico” (AGUALUSA, 2012, p. 284). Se a parede que bloqueou a porta pode ser entendida como metáfora do esquecimento, os espelhos que em muitos contextos são relacionados com a identidade, aqui correlacionamos com o ato de lembrar. Ao ver seu reflexo nos espelhos, Ludo via pessoas do seu passado. Nesse sentido, lembrar se constituía para a personagem em um tormento:

Muitas vezes, ao olhar os espelhos, via-o atrás de mim. Agora não o vejo mais. Talvez por ver tão mal (benefícios da cegueira), talvez porque mudámos de espelhos. Assim que recebi o dinheiro do apartamento, comprei espelhos novos. Desfiz-me dos antigos. O meu vizinho estranhou: A única coisa em condições neste seu apartamento são os espelhos. Não! Irritei-me: Os espelhos estão assombrados (AGUALUSA, 2012, p. 469).

Em *Teoria Geral do esquecimento* encontramos ecos da *Divina Comédia*, de Dante Alighieri. No primeiro, Sabalu dialoga com Ludo a respeito de esquecer os mortos e da importância de lembrar-se deles:

O seu morto, o tal Trinitá. A minha mãe dizia que os mortos sofrem de amnésia. Sofrem mais ainda com a pouca memória dos vivos. Você se lembra dele todos os dias, e isso é bom. Deveria se lembrar dele rindo, dançando. Tem de conversar com o Trinitá como conversa



com Fantasma. Conversar sossega os mortos (AGUALUSA, 2012, p. 325).

Já Dante expõe que o fato de os vivos esquecerem os entes que estavam no Inferno, era considerado uma das piores condenações, semelhante à *damnatio memoriae* (prejuízo da memória ou danação da memória), condenação por meio do esquecimento empregada em Roma que

atingia sobretudo os governantes e outros poderosos que em uma mudança política, na sua morte ou depois de uma revolução, eram declarados —inimigos do Estado . Então os seus retratos eram destruídos, as estátuas derrubadas, seus nomes removidos das inscrições. Muitos dos seus decretos deixavam de valer da noite para o dia, de modo que nem esses testemunhos mais lembrassem aquela “não-pessoa” (WEINRICH, 2001, p. 59).

Assim como no romance de Agualusa, o esquecimento em Dante é considerado como um refúgio. Na Divina Comédia, os habitantes do submundo não só apenas bebiam do rio Letes como também se lavavam nele para, assim, esquecerem a vida terrena. No Inferno, a referência ao esquecimento é ambígua, por vezes é positivo e necessário, por isso seus habitantes recorriam ao Letes; em outros momentos, indica sofrimento, quando esquecidos pelos vivos. No Purgatório, o ato de lembrar representa a possibilidade de salvação posto que, se tais almas forem lembradas por seus entes vivos e recebessem as missas e os ritos necessários, ingressariam no Paraíso. Naquele lugar, Dante recebe das almas a missão de levar recados para os parentes vivos com o objetivo de que esses não as esquecessem. Em analogia temos Ludo, que assim como os habitantes do submundo, privilegia o ato de esquecer e por outro lado temos Carrasco, que semelhante aqueles que estão no Purgatório de Dante, considera a memória como meio de suportar as dores e expurgar os erros cometidos.

No romance, Ludo realiza o exercício de lembrar para esquecer. “Pouco a pouco fui-me esquecendo. Todos os dias pensava na minha filha. Todos os dias me exercitava para não pensar nela” (AGUALUSA, 2012, p. 472). Nesse processo, a

personagem emprega o esquecimento e a memória com fins de colonizar o passado. No dizer de Lejeune (2008, p. 104), “ao tentar me ver melhor, continuo me criando, passo a limpo os rascunhos de minha identidade, e esse movimento vai provisoriamente estiliza-los ou simplifica-los”. Assim, como o trabalho de um escriba, Ludo ao lembrar escreve a sua história e apaga-a para assim esquecê-la.

### Considerações finais

Acreditamos que no romance em questão os indivíduos representam coletivos, em Ludo encontramos várias identidades: a mulher que sofre violência, o elemento colonizador, entre outros. Carrasco, por sua vez, representa as vozes do elemento local. Na fala de Ludo percebemos-la como elemento que expõe sofrimentos que são universais: “lamento tanto o tanto que perdeste. Lamento tanto. Mas não é idêntica a ti a infeliz humanidade?” (AGUALUSA, 2012, p. 476).

O estudo acerca da memória favorece a compreensão de como acontece a manutenção da identidade. Bem como, de dão as relações das personagens consigo e com as demais personagens. Diante de todo o exposto, é possível considerar que não apenas a memória exerce a função de ordenação e reordenação das recordações, mas o esquecimento também participa desse processo com igual importância. Esquecer se faz necessário para que o indivíduo continue vivendo sem estar subjugado pelo peso de suas lembranças. Nesse processo, a verbalização e a escrita das memórias exercem a função de expurgar os fantasmas e culpas. A escrita com o intuito de expressar a dor por meio de palavras é uma constante no romance.

### Referências

- AGUALUSA, José Eduardo. **Teoria Geral do Esquecimento**. 2012.
- BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a Modernidade: o pintor da vida moderna**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vidas em fragmentos: sobre a ética pós-moderna**. Tradução Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

- BEZERRA, Rosilda Alves. Identidade e narrativa de memória: a literatura africana de Ondjaki e Luandino Vieira. In: SILVA, Antonia Marly Moura da. Et all. **De memória e de identidade**: estudos interdisciplinares. Campina Grande: Eduepb, 2010.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. Tradução Maria Letícia Ferreira. 1ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.
- CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, cores, números. Tradução Vera da Costa e Silva. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
- DUARTE, Zuleide. Avisos do vento, memórias do fim. In: SANTOS, Derivaldo dos. et all. **Trama de um labirinto**: ensaios de literatura e sociedade. João Pessoa: Ideia, 2010.
- FONSECA, Ciro Leandro Costa da. et all. Os penitentes de São Bernardo: uma face de religiosidade popular na voz-memória de Dona Antônia Jorge. In: SILVA, Antonia Marly Moura da. Et all. **De memória e de identidade**: estudos interdisciplinares. Campina Grande: Eduepb, 2010.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídias. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- LE GOFF, Jacques. **Memória-História**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1997.
- LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Tradução Jovita Maria G. Noronha, Maria Inês C. Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. (org.) **História, memória, literatura**: o testemunho na era das catástrofes. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2003.
- WEINRICH, Harold. **Lete**: arte e crítica do esquecimento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.